A RELIGIÃO DO FUTURO

Com o titulo que subordina este artigo publicou Eduardo Hartmann um livro de que as analyses criticas se succedem desde 1874 nas mais conceituadas revistas estrangeiras.

O vivo interesse despertado por esta obra não se limitou á Allemanha, o que facilmente se explicaria pela posição particular que a grande nação tem sustentado na lucta do poder temporal e do poder espiritual, da Religião e do Estado, mas estendeu-se ás classes especulativas de todos os paizes da Europa.

Este trabalho resume as impressões que nos deixou a leitura da obra.

O problema discutido pelo auctor da «Philosophia do Inconsciente» consiste em saber qual será o caracter da Religião adoptada pelo futuro; se ella será uma simples reconstituição d'alguma das religiões monotheistas actualmente existentes, ou será uma Religião inteiramente nova.

O auctor, que se decide pela segunda solução, consagra a maior parte do livro a demonstrar a impotencia, cada vez mais pronunciada, das religiões que ainda se disputam a victoria na direcção moral das sociedades actuaes. Pondo de parte como tendo passado definitivamente á historia todas as demais instituições religiosas, Hartmann refere-se sómente ao Christianismo, que analysa no seu duplo aspecto: catholico e protestante.

Acompanhemos o critico allemão.

Catholicismo e protestantismo, formulas distinctas d'um mesmo fundo religioso, acceitando uma e outra o dogma da divindade de Jesus e a authenticidade dos Evangelhos, differem comtudo em pontos importantes, que o auctor recorda para melhor dirigir a sua critica. Ao passo que o catholicismo admitte a legitimidade da tradicção ecclesiastica e a infallibilidade da Igreja (actualmente definida d'um modo expresso no dogma da infallibilidade papal) o pro-

testantismo limita-se a crêr na authenticidade dos escriptos canonicos, deixando a sua interpretação ao livre exame da consciencia individual.

Assim o catholicismo, que é a formula primitiva, para determinar com precisão o sentido dos livros sagrados, o que é indispensavel á unidade da fé, exige a cada um o sacrificio da propria intelligencia, conferindo á Igreja infallivel o poder absoluto de legislar em materia de crenças.

A Religião dos reformadores, admittindo a veracidade dos textos sagrados, recusa-se a crêr na auctoridade da Igreja reservando-se o direito d'analyse e a liberdade da consciencia religiosa.

Assim em relação ao modo pratico de comprehender o principio ethico fundamental do Christianismo — a obediencia á vontade divina—a differença entre as duas religiões é profundissima. «No catholicismo, diz Hartmann, a Igreja interpõe a sua mediação entre Deus e o homem e por meio do pápa e do confessor fornece a solução divina dos problemas moraes; o principio protestante supprime a instancia intermediaria e colloca em presença um do outro o homem e Deus, manifestando na Escriptura a sua vontade (1)».

A' formula catholica reserva o philosopho allemão o nome de *heteronoma*, o de *autonoma* á formula de Religião evangelica. Estas denominações justificam-se pelo facto mesmo de que a faculdade d'exame religioso está n'um caso no crente, no outro fóra d'elle, acima d'elle, na Igreja.

Antes de proceder á critica do principio christão, Hartmann discute o valor reciproco da Religião catholica e da Religião reformada. Esta analyse prévia, que parecerá ao leitor inteiramente dispensavel e substituivel por uma critica directa das idêas fundamentaes do Christianismo, julga-a o auctor importantissima, por que, na sua opinião, o principio liberal protestante representou a missão historica de apressar a quéda do Christianismo, pondo em evidencia, melhor do que todos os documentos e todos os raciocinios, a sua completa innanidade.

Ouçamos o auctor que se dirige ao protestantismo: «Os reformadores não viram bem que a fé na infallibilidade dos escriptos canonicos, esta fé que beberam com o leite, não tinha realmente maior apoio nem melhor garantia do que a infallibilidade da Igreja e da tradicção ecclesiastica». (2) Sendo indispensavel no Christianismo admittir uma inspiração e uma infallibilidade, porque conce-

(1) La Religion de l'Avenir, pag. 24.
(2) Ibid.

der estes attributos aos escriptores canonicos e recusal-os á Igreja? Sendo forçoso crêr na revelação e na auctoridade porque limitaremos a nossa fé recusando-nos a acceitar um poder heteronomo?

«E' responder, diz Hartmann, negativamente ao milagre actual e affirmativamente ao que se effectuou ha 1800 annos». ([1])

Assim a autonomia protestante não sendo completa, mais acceitavel seria, por mais coherente, a heteronomia catholica. Uma e outra porém, terminaram já a sua evolução, fecharam definitivamente o cyclo da sua vida historica.

O catholicismo impondo aos crentes o sacrificio das faculdades criticas atrophia a intelligencia pela prescripção do dogma. E' o inimigo intransigente da sciencia e da cultura; coherente com os seus principios auctoritarios, fiel á tradicção conservadora, tornou-se uma formula ultramontana incapaz d'exercer uma acção benefica sobre o espirito secular. A publicação do *Syllabus*, consequencia forçada dos principios admittidos, acabou de definir toda a sua ineficacia em face das sociedades modernas.

O protestantismo porém, com as suas meias-concessões ao espirito de livre investigação, não está egualmente á altura de director espiritual da Humanidade. Só por uma incoherencia manifesta pôde a Igreja Reformada transigir com as necessidades do livre exame admittindo como *crente* a inspiração dos escriptores evangelicos, para negar como *racionalista* a auctoridade do pápa e dos concilios.

Assim o protestantismo não foi realmente mais do que a methaphysica negativa intervindo na unidade catholica como uma necessidade urgente, é certo, no tempo de Luthero, mas sem significação no estado actual dos espiritos. «Quando depois de seculos de oppressão e de tortura, escreve Hartmann, o principio protestante conseguiu libertar-se, encontrou a idêa christã, no sentido proprio da palavra, jazendo no estado de cadaver; mas emquanto que o catholicismo procurava mumifical-a para que conservasse as apparencias de vida, a missão historica do protestantismo foi proceder á autopsia, verificar officialmente a morte e depois fazer-lhe solemnes exequias para fechar definitivamente o cyclo d'evolução da idêa christã. A sua obra dogmatica não foi mais do que um trabalho destructivo, uma demolição ([2])».

Até este ponto do livro do notavel philosopho não podemos fa-

([1]) Obr. cit. pag. 18.
([2]) Obr. cit. pag. 22 e 23.

zer mais do que declarar a nossa adhesão ao seu modo de vêr; nem mesmo escreveriamos sobre o assumpto se o auctor se confinasse nos limites d'estas considerações, que reputamos evidentes.

Estamos como elle plenamente convencidos da ineficacia actual do Christianismo catholico e protestante. As classes dirigentes, abstracção feita da classe sacerdotal, elevadas por uma instrucção positiva á altura da sciencia moderna, emanciparam-se já do jugo importuno d'essas instituições; as classes menos cultas, continuando a acceital-as como formulas tradiccionaes e na ausencia de novos principios, não têm comtudo por ellas aquella forte dedicação que nas guerras religiosas levava os antigos povos ao fanatismo sanguinario. O actual indifferentismo religioso de que a consciencia popular é apenas momentaneamente despertada pelas pretenções obsuletas do partido clerical, é um testemunho incontestavel—para quantos veem os phenomenos sociaes desprevenidamente—da decadencia do Christianismo. Protestem embora os que a todo o custo desejariam vêr reconstituido o passado; nem por isso o facto da deschristianisação progressiva é menos verdadeiro.

Façamos no entanto um reparo. Para sermos inteiramente justos, depois de termos concedido um papel negativo ao protestantismo, contra o qual Hartmann é talvez demasiadamente sevéro, devemos com Stuart Mill notar que não deixou esta formula do Christianismo de exercer uma salutar influencia sobre os costumes populares, estimulando as faculdades criticas de cada um pelo exercicio permanente da interpretação dos Evangelhos. «O protestantismo quando não é simplesmente professado, diz o pensador inglez, mas entra realmente no espirito, faz um appello á intelligencia; exige-se ao espirito que seja activo e não passivo para o receber (1)».

E' um beneficio que não devemos esquecer, este que a Religião reformada presta ainda hoje aos seus proselytos menos instruidos. Insufficiente, é certo, para lhe assegurar a subsistencia em face do indifferentismo religioso e das acquisições scientificas da epocha, esta liberdade relativa é comtudo um titulo de gloria a que o catholicismo de modo algum tem direito.

Postos estes principios, preliminares para a justificação do problema que o auctor discute, passemos a analysar a solução que elle propõe.

Se as actuaes religiões são incapazes de sustentar a direcção moral das novas sociedades, qual será a orientação religiosa das gerações futuras?

Esta pergunta suppõe evidentemente a crença de que o futuro

(1) St. Mill, Auguste Comte et le Positivisme, pag. 118.

*

terá uma religião. Ora esta crença implicita, que Hartmann não discute, merece que lhe consagremos alguns momentos d'attenção. Segundo uma opinião, que tem a sua origem ligada ao movimento racionalista do seculo passado, a Humanidade tenderia a uma completa emancipação do espirito religioso, ideal supremo para que ella ascende atravez do renovamento scientifico. Segundo uma outra opinião, á qual tacitamente adhere o illustre critico, o homem torna-se cada vez mais religioso, porque o sentimento se aperfeiçoa e desenvolve na medida do progresso e da civilisação.

Esta antinomia de crenças porém, não o é senão na apparencia e depende fundamentalmente da idêa que ligarmos á palavra *Religião*.

Se esta se deve comprehender como um conjuncto systematico de crenças e de preceitos moraes subordinados á fé em Deus e á sua intervenção providencial nos phenomenos da natureza, tem completamente razão o seculo XVIII.

O antropomorphismo barbaro que sempre acompanhou todas as religiões é o mais poderoso argumento que póde invocar-se a favor da morte proxima d'estas instituições do passado.

Se porém, seguindo Stuart Mill, admittirmos que «a essencia da religião consiste em imprimir uma direcção forte e séria das emoções e dos sentimentos para um objecto ideal que se reconhece como a mais alta perfeição e como elevando-se legitimamente acima de todos os objectos egoistas do desejo (1)», a verdade então está do lado dos que, como Comte, Bourdet, Hartmann e outros, admittem a religiosidade crescente da nossa especie. N'este ultimo caso o antropomorphismo desapparece e com elle a idêa grosseira e egoista dos castigos divinos e das recompensas paradisiacas.

N'este sentido não duvidamos prestar ainda uma vez a nossa adhesão ao modo de vêr do auctor da «Religião do Futuro».

A comprehensão cada vez maior do Direito, a distribuição cada vez mais racional da Justiça, e ainda, apezar das oscillações inseparaveis das epochas de crise, o augmento da moralidade por toda a parte, explicam a nossa affirmativa. De resto, o facto conhecido de que os costumes sociaes melhoram á proporção que o estudo do homem substitue as explorações phantasistas do theologismo, é inteiramente favoravel ás asserções do pensador allemão.

No que não podemos concordar com o grande critico do Darwinismo (e estamos chegados ao ponto capital da obra, o que nos inspirou este artigo) é na solução que elle reserva ao problema da Religião futura.

(1) St. Mill, Essais sur la Religion.

Não cremos que a formula religiosa, adoptada pelo futuro, seja, como Hartmann pretende, a formula pantheista. Ao contrario acreditamos que a Religião d'ámanhã será a Religião da Humanidade, despida completamente do culto externo que lhe annexavam os seguidores dos ultimos trabalhos d'Augusto Comte. (1)

A razão da differença que existe entre o nosso modo de vêr, na questão subjeita, e o de Hartmann, provém da diversidade dos systemas philosophicos que nos dominam.

O auctor da analyse critica do Darwinismo pertence á grande escóla conhecida pelo nome de *monismo espiritualista*. Este systema, cujas bases são as do pantheismo tradicional da Allemanha, póde com o proprio auctor definir-se, sob o ponto de vista moral, como «a unica sorte de methaphysica que, sem destruir a autonomia do individuo objectivamente real como phenomeno, reduz a vontade, que se crê soberana, ao nada da sua existencia phenomenal, mostrando ao homem que elle faz a si mesmo (isto é á Essencia, que é tanto elle como o resto da Humanidade) o mal que crê fazer a outrem, e que a si mesmo faz um serviço servindo o proximo.» (2)

Esta simples transcripção permitte reconhecer a natureza methaphysica do monismo, analysado por Littré no prefacio dos «Fragmentos de Philosophia Positiva».

Não é aqui o logar proprio para insistir n'esta analyse; basta-nos recordar que Hartmann perfilhando o pantheismo se colloca no campo do innacessivel e do inverificavel, de que o Positivismo procura desligar todos os espiritos.

Para o leitor que tem na questão philosophica a sua opinião formada, poderiamos terminar n'este ponto. Sendo porém um dos meios de julgar uma doutrina analysar as consequencias a que dá origem, não perderemos esta occasião de levar a nossa critica tão longe quanto possivel.

Hartmann commette, a nosso vêr, dois grandes erros na segunda parte do seu livro. O primeiro consiste em crêr que os espiritos marcham para a adopção do pantheismo; o segundo em collocar a Religião e a Moral na dependencia da methaphysica. «Uma vez des-

(1) Registramos com prazer uma confirmação prática da nossa opinião: as festas publicas dos centenarios de Voltaire e de Rousseau. Que significam estas demonstrações senão que o *Humanismo* penetrou já a consciencia d'um dos mais adiantados paizes da Europa? Estas grandes manifestações serenas e unanimes (na balança da critica não tem pezo o protesto singular da familia—Dupanloup) deixam vêr d'um modo evidente qual é a orientação das gerações modernas.

(2) Obra cit. pag. 168.

tacada da methaphysica, escreve o illustre pensador, a Ethica fica como suspensa entre o ceu e a terra. Sem methaphysica ella é quando muito a historia natural das tendencias e inclinações humanas (1)».

Pelo que respeita á primeira asserção não poderiamos fazer melhor do que convidar o grande sabio a seguir com olhos imparciaes o notavel movimento positivista da França e da Inglaterra. Se a Allemanha não partilha completamente das tendencias actuaes dos dois povos é isso devido só á influencia ainda recente dos systemas de Ficht, de Schelling e sobretudo de Hegel. Uma grande tradicção methaphysica como a que se conserva na Allemanha, onde durante um longo periodo de tempo a poderosa philosophia official se conservou fiel ao methaphysismo pantheista, não póde, evidentemente, ser atacada senão d'um modo lento.

Ahi mesmo porém, na propria patria de Hartmann, ha provas de que o Positivismo procura recuar os limites da sua influencia para além do que Comte chamava «a republica occidental».

Büchner, o velho defensor do materialismo, escrevia no prefacio da 3.ª edição da «Força e Materia» estas palavras significativas: «A methaphysica é falsa e má nas suas applicações á Religião, á philosophia, á sciencia e aos actos quotidianos da vida. O uso que d'ella se fez outr'ora só póde explicar-se porque ella corresponde precisamente a um estado infantil, embryonario da intelligencia; esta phase acabou. E' n'este sentido que se póde, como o fez o philosopho francez Augusto Comte, designar as epochas passadas como os estadios da theologia e da methaphysica, que devem considerar-se como precursores ou epochas de transição para chegar á nossa epocha de Philosophia positiva. Esta, no entanto, abandona e esquece este predecessor, que procurava o absoluto ou a verdade sobrehumana, para se limitar a proseguir a verdade relativa e a procurar simplesmente conhecer as relações intimas dos phenomenos sensiveis. Em razão d'esta tendencia não podemos conhecer o *porquê*, mas sómente o *como* das coisas». (2)

A segunda asserção de Hartmann, que pretende tornar solidarias a methaphysica, a Religião e a Moral, é igualmente infundada.

A Moral não depende da methaphysica como não depende da Religião, qualquer que seja a idêa que d'esta formemos. A Moral está subordinada á Sociologia como a Hygiene á Physiologia. Do mesmo modo que cada grande lei physiologica se traduz na Hygiene por um conjuncto de preceitos praticos, cada grande lei funccional

(1) Hartmann, obr. cit. pag. 120.
(2) Büchner, Force et Matière, pag. 52.

das sociedades se reflectirá naturalmente n'uma somma de preceitos moraes. Assim a autonomia da Ethica perante a Religião e a methaphysica será tanto mais accentuada quanto mais solidaria ella se tornar da Sociologia; e esta solidariedade, que é uma consequencia forçada da natureza abstracta da Physica social e da natureza concreta da Ethica, ir-se-ha evidenciando á medida que a Sociologia, tão mal conhecida ainda, fôr effectuando os seus progressos. Com effeito, sendo a sociedade um organismo sujeito a leis immudaveis e fataes como as da Biologia, cada lei reconhecida e demonstrada trará forçosamente uma prescripção ou uma serie de prescripções praticas para o individuo, prescripções que, como as hygienicas, terão todas o mesmo caracter commum—respeito ás leis organicas, mantendo as condições da sua realisação e empregando meios para as restabelecer quando desviadas do seu rythmo normal.

A Religião e a methaphysica nada têm que vêr com este facto. Durante o seu longo dominio a Ethica não pôde nunca constituir-se definitivamente; aos seus preceitos, fluctuantes como os principios theologico-methaphysicos de que emanavam, faltava a invariabilidade que caracterisa as leis scientificas.

Sendo assim, não receiemos como o auctor allemão que, separada da methaphysica, a Ethica se reduza *á historia natural das tendencias e inclinações humanas.* Esta historia pertence ao dominio da Biologia; não póde constituir a Moral.

Dos principios postos deriva naturalmente esta conclusão: A Religião e a Moral são na phase positiva independentes da methaphysica e dependentes só da comprehensão scientifica do homem e das sociedades.

O futuro, que ha-de assistir ao desapparecimento do subjectivismo e á organisação da Moral como sciencia exacta, não poderá pois acceitar a Religião pantheista de Hartmann. Nós crêmos sinceramente como Littré que «o pantheismo se podesse uma vez adquirir alguma consistencia e sahir do vago em que nada tem de real, cahiria n'uma especie de fetichismo sem nenhuma das compensações que pertenciam a este antigo regimen». (1)

Se o principio ethico do Christianismo—*amai-vos como filhos do Pae commum* perdeu, como observa o pensador allemão, toda a sua efficacia, porque a idêa theista que envolvia se desvaneceu dos espiritos, o principio ethico do pantheismo—*amai-vos como manifestações phenomenaes do Grande Todo* não poderá egualmente

(1) Littré, Application de la Philosophie Positive au gouvernement des sociétés, pag. 94.

actuar sobre as gerações futuras, porque a idêa methaphysica que elle suppõe terá desapparecido em breve diante da invasão positiva.

Se ás aspirações da consciencia futura não bastar uma Philosophia, e uma Religião fôr indispensavel á disciplina do sentimento, esta será necessariamente uma Religião sem Deus e sem culto exterior permanente; será a Religião da Humanidade.

O motivo que nos faz assim pensar é simples: As religiões não poderão d'hoje em diante actuar sobre as faculdades mentaes, como em tempo o fizeram; este papel pertence á sciencia. A' Religião do futuro, se uma houver, está-lhe reservada a missão exclusiva de subordinar o sentimento, promovendo o progresso das inclinações altruistas; ella será sómente um estimulo effectivo d'acção, descido da esphera abstracta do pensamento ao dominio emocional do coração. Ora nenhuma Religião póde tão bem como a da Humanidade preencher este destino superior, que o theologismo nunca attingiu d'um modo completo.

«Esta condição, diz Stuart Mill, acha-se satisfeita pela Religião da Humanidade n'um gráo tão eminente e n'um sentido tão elevado como pelas religiões sobrenaturaes, mesmo nas suas mais nobres manifestações, e com um alcance mais alto do que em qualquer das outras. Poderiamos dizer mais sobre este ponto, mas isto basta para convencer todas as pessoas, capazes de distinguir entre as aptidões intrinsecas da natureza humana e as fórmas sob as quaes estas aptidões se desenvolvem no curso da Historia, de que o sentimento de que não fazemos senão uma unidade com todos os homens e um sentimento profundo de sympathia pelo bem geral podem, convenientemente cultivados, tornar-se susceptiveis de preencher tudo o que ha d'importante nas funcções da Religião e *tomar por isso legitimamente este nome.* Ajuntarei ainda que este principio não sómente é capaz de preencher estas funcções, mas que elle as preencheria melhor do que qualquer fórma do supernaturalismo. *Não só por isso tem o direito de chamar-se Religião, mas é uma Religião melhor do que as que geralmente usam este nome.* Com effeito, em primeiro logar, este sentimento é desinteressado. Elle transporta as idêas e os desejos para fóra de cada um e fixa-os sobre um objecto que não satisfaz nenhum interesse, que se ama e se prosegue como um fim em si. As religiões, prodigas de promessas e de ameaças para a vida futura, fazem exactamente o contrario: impedem as idêas de elevar-se acima do nivel dos interesses posthumos do individuo, sollicitam-o a considerar o cumprimento dos seus deveres para com os outros sobretudo como um meio de salvação pessoal e oppoem um dos mais sérios obstaculos ao grande fim da cultura moral, que

consiste em fortificar os elementos do desinteresse e enfraquecer os elementos do egoismo que existem em nós.» (1)

Estas palavras do pensador inglez dizem, mais e melhor do que poderiamos ter feito, quanto sobre o assumpto pensamos.

Assim crêmos que no logar da Religião *revelada* apparecerá a Religião *demonstrada*. E esta será mais forte do que foi a primeira, porque tem os seus fundamentos ao mesmo tempo no coração e no espirito, no sentimento e na razão, mais nobre e mais sublime do que ella, porque, emancipada do mysterio e do absoluto, que são o triste apanagio das theologias e os circulos de ferro das intelligencias, ella proclama (o que é toda a sua força) o sentimento moralisador da continuidade historica.

Onde estava o Deus pessoal do Christianismo, o Grande Todo de Spinosa ou o infinito subjectivo de Ficht, surgirão os grandes bemfeitores da Humanidade, os agentes da evolução mental da nossa especie. E as reflexões, que cada um d'estes grandes vultos fará surgir no espirito dos homens do futuro, serão mais uteis e mais salutares do que todas as contemplações do theologismo: mais uteis, porque lembrarão a todos quanto devemos ao passado e quanto o futuro nos poderá dever a nós; mais salutares porque, no logar das preoccupações egoistas da salvação individual, ellas farão apparecer no espirito uma somma indefinida d'altruismo e, consequencia inevitavel, de moralidade.

JULIO DE MATTOS.

(1) **St. Mill, Essais sur la Religion pag. 103.**